

Comunicação Oral

**LEITURA E MEDIAÇÃO NA CULTURA MONÁSTICO-MEDIEVAL**

André de Araújo – UFRJ

**Resumo**

A leitura fomenta a cultura monástica desde as suas origens. Este trabalho pretende identificar as características da leitura entre os beneditinos, apontar o tipo de leitura e de mediação que se promove a partir da Regra de São Bento e demonstrar o núcleo desta prática no contexto monástico-medieval. A análise histórica, balizada tanto na Regra de São Bento quanto em estudos de história da leitura, aponta que a leitura e a mediação da informação vão ao encontro da espiritualidade monástica e nutrem o cultivo das letras, ainda que a gramática e retórica não estejam amplamente presentes nas primeiras comunidades beneditinas. A leitura monástica, uma vez compreendida como apropriação, performance e gestualidade, está inserida em um sistema mais amplo de mediação da informação e da cultura beneditina, caracterizado pela disciplina, ritmo e normatização. A pesquisa aponta que a abordagem histórico-cultural da leitura e da mediação proporciona uma visão contextual e temporal dos meios de circulação e de apropriação da informação, o que confirma a ideia de que a mediação da informação é um processo histórico.

**Palavras-chave:** Leitura Monástica. História da Leitura - Idade Média. Beneditinos. Regra de São Bento. Cultura Monástico-Medieval. Mediação.

**Abstract**

The reading foment the monastic culture from its origins. This paper aims to identify the characteristics of the reading among the Benedictines, to indicate the type of reading and mediation that is promoted from the Rule of St. Benedict and demonstrate the core of this practice in the monastic-medieval context. The historical analysis, buoyed by both the Rule of St. Benedict as in studies of reading history, indicates that reading and the mediation of the information go to meet the monastic spirituality and nourish the cultivation of letters, although the grammar and rhetoric are not widely present in the first Benedictine communities. The monastic reading, once understood as appropriation, performance and gestuality, is part of a wider system of mediation of the information and the Benedictine culture, characterized by discipline, rhythm and regulation. The research shows that the cultural-historical approach of reading and mediation provides contextual and temporal vision of processes of circulation and appropriation of information, which confirms the idea that the mediation of information is a historical process.

**Key-words:** Monastic Reading. Reading History - Middle Ages. Benedictines. Rule of St. Benedict. Monastic-Medieval Culture. Mediation.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da leitura, da escrita, do uso de livros e da circulação da informação no universo monástico requer uma observação histórica já que tais práticas<sup>1</sup> sempre foram centrais entre monges, seja no Medievo até a contemporaneidade, ainda que caracterizadas por momentos de menor ou maior predominância.

A leitura fomenta a cultura monástica desde as suas origens, pois por meio dessa prática são realizadas orações, estudos e o contato direto com as Sagradas Escrituras.

Já a mediação da informação também esteve e está presente no contexto monástico uma vez que o mosteiro é um espaço informacional por excelência, notadamente a sua biblioteca<sup>2</sup>: coleções são constituídas, inventários e catálogos são desenvolvidos e a informação é disponibilizada para os diferentes tipos de usuários, desde o noviço<sup>3</sup> até o monge (professo solene<sup>4</sup>).

A biblioteca monástica possui uma característica comum às bibliotecas: é um espaço mediador na medida em que, por meio de uma intervenção intencional, busca promover o contato entre aquilo que está separado: as pessoas e os registros do conhecimento (ARAÚJO, 2012).

Ao dialogar com o universo informacional, tanto a leitura quanto a mediação suscitam algumas questões: quais são as características da leitura entre os beneditinos? Qual o tipo de leitura e de mediação que se promove a partir da Regra de São Bento? Qual é o núcleo da leitura no contexto monástico-medieval? Em que medida a leitura e a mediação da informação podem ser investigadas sob uma perspectiva histórico-cultural?

A análise histórica, balizada tanto na Regra de São Bento quanto em estudos de história da leitura, oferece um aporte teórico-metodológico para discussão do objeto central deste texto: a leitura e a mediação, considerando sua função no contexto monástico-medieval e seu caráter performático e gestual.

---

<sup>1</sup> A história dessas práticas – que se desenvolve em um movimento de longa duração - foge aos objetivos deste texto, apesar de nosso interesse.

<sup>2</sup> Cf. ARAÚJO, André de. *Clastrum sine armario sicut castrum sine armentario: as bibliotecas beneditinas na Idade Média. Análise e Síntese*, Salvador, ano 3, n. 6, p. 135-151. 2004 e ARAÚJO, André de. **Dos livros e da leitura no Claustro**: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). 2008. 343 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10022009-124405/>>. Acesso em: 30 jul. 2009.

<sup>3</sup> Indivíduo que se prepara para a formação monástica.

<sup>4</sup> Aquele que fez a profissão perpétua.

## 2 LEITURA E MEDIAÇÃO NA REGRA DE SÃO BENTO

Há uma vasta literatura a respeito do papel da leitura monástica, sobretudo no período medieval, no entanto, nos limitaremos àquilo que nos parece ser mais relevante. Propomos nossas observações a partir do código que foi uma das maiores forças para organização da vida espiritual nos mosteiros medievais: a Regra de São Bento (Séc. VI).

A Regra é um conjunto de preceitos monásticos que resulta da observação de São Bento (480?-547 d.C.) à atmosfera “anárquica” e de decadência da vida monástica. A preocupação de Bento foi determinar as bases da organização dos mosteiros, delimitando regras para a vida espiritual e cotidiana dentro da comunidade monástica: desde a administração do mosteiro até as determinações das horas das refeições e do recolhimento, contemplando conselhos para o Abade e para os irmãos em geral. Determina, ainda, procedimentos para o alcance da elevação espiritual.

Em diversos capítulos a Regra demonstra a leitura<sup>5</sup> como atividade básica, dando primeiro lugar às Sagradas Escrituras, mas também destacando os escritos dos Padres da Igreja.

No início da Regra, no Capítulo 4, intitulado “Quae sunt instrumenta bonorum operum” (Quais são os instrumentos das boas obras), se observa que dentre os instrumentos estão “Lectiones sanctas libenter audire. Orationi frequenter incumbere (Ouvir de boa vontade as santas leituras. Dar-se frequentemente à oração)” (SÃO BENTO, 1980, p. 29), o que indica que estas são ações de “boas obras” e que os irmãos do mosteiro devem desejar e apreciar não somente a leitura, mas também a escuta da leitura de textos sagrados, além de ocuparem-se com a oração.

O Capítulo 38, “De ebdomadario lectore” (Do leitor semanário), demonstra que a leitura sempre acompanha as refeições dos monges e que um leitor é escolhido para ler durante o período de uma semana, começando no Domingo.

Cabe ao leitor pedir aos irmãos que “[...] orem por ele para que Deus afaste [...] o espírito da soberba” (SÃO BENTO, 1980, p. 87). São Bento pede que “Não leiam nem cantem os irmãos segundo a ordem da comunidade, mas façam-no aqueles que edificam os ouvintes” (SÃO BENTO, 1980, p. 89). Já os demais ficam em silêncio durante as refeições e

---

<sup>5</sup> Identificamos os seguintes capítulos em que a leitura aparece como questão central ou como breve referência: 4, 9, 10, 11, 12, 13, 38, 42, 47, 48, 49, 53, 58 e 66.

o leitor “[...] antes de começar a ler, recebe o ‘misto’<sup>6</sup>, por causa da Comunhão e para que não aconteça ser-lhe pesado suportar o jejum [...]” (SÃO BENTO, 1980, p. 89).

A leitura deve ser realizada por um monge que possa “tocar” o ouvinte. Há um claro objetivo no capítulo dedicado ao leitor semanário e que se torna enfático nas refeições: a leitura é um verdadeiro alimento, seja para aqueles que a executam ou que a escutam.

No Capítulo 42, São Bento recomenda que na época em que houver jantar, um irmão deve ler em seguida as *Colações*<sup>7</sup> ou as *Vidas dos Pais*<sup>8</sup>.

Se, entretanto, for dia de jejum, recitadas as Vésperas, depois de pequeno intervalo, dirijam-se logo para leitura das *Colações*, conforme dissemos; e, lidas quatro ou cinco folhas ou quanto a hora permitir, reúnam-se todos os que vão chegando no decorrer da leitura [...] (SÃO BENTO, 1980, p. 95).

Bento trata daqueles que conduzem os salmos e as antífonas, segundo o Capítulo 47:

Entoem os salmos e antífonas, depois do Abade, na respectiva ordem, aqueles aos quais for ordenado. Não presume cantar ou ler, a não ser quem pode desempenhar esse ofício de modo que se edifiquem os ouvintes; e seja feito com humildade, gravidade e tremor por quem o Abade tiver mandado (SÃO BENTO, 1980, p. 101).

Na Regra há um capítulo em que São Bento dispõe sobre a vida do monge, distribuindo o seu horário ao longo do dia, de modo a dedicar um tempo à leitura e outro tempo ao trabalho manual. Horários diários de leitura espiritual, aumentados no período da Quaresma, assim são determinados:

A ociosidade é inimiga da alma; por isso em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual. [...] Nos dias de Quaresma, porém, de manhã até o fim da hora terceira, entreguem-se às suas leituras, e até o fim da décima hora trabalhem no que lhes for designado. Nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da biblioteca e leiam-nos pela ordem<sup>9</sup> e por inteiro: esses livros são distribuídos no início da Quaresma. Antes de tudo, porém, designem-se um ou dois dos mais velhos, os quais circulem no mosteiro nas horas em que os irmãos se entreguem à leitura e verão se não há, por acaso, algum irmão tomado de acedia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros. Se um tal for encontrado, o que não aconteça, seja castigado primeira e segunda vez: se não se emendar, seja submetido à correção regular de tal modo que os demais temam. Que um irmão não se junte a outro em horas inconvenientes (SÃO BENTO, 1980, p. 103-105).

---

<sup>6</sup> De acordo com Dom João Evangelista Enout (O.S.B.), o misto é “[...] um pouco de vinho misturado com água ou vinho puro [...]”. (SÃO BENTO, 1980, p. 187).

<sup>7</sup> “*Colações* é o título de uma das obras de Cassiano em que reúne a doutrina espiritual dos monges do deserto que visitou. (Cf. P.L. 49)”. (SÃO BENTO, 1980, p. 179).

<sup>8</sup> “*Vitae Patrum*, tradução latina da vida dos Pais do deserto, primeiros cristãos que se lançaram à aventura de perfeição do monaquismo, estritamente considerado, em sua fase eremítica”. (SÃO BENTO, 1980, p. 180).

<sup>9</sup> “‘Pela ordem’, supõe-se: das páginas, i. e. leia-se página por página sem saltar”. (SÃO BENTO, 1980, p. 182).

Esta passagem, do Capítulo 48, merece especial atenção dentro do contexto da leitura e da mediação da informação pois expressa o que está na base da experiência livresca beneditina: oração e trabalho.

Ampliada no período da Quaresma, a leitura deve ser realizada a partir de livros retirados da biblioteca. Esta orientação enfrenta um problema etimológico pois, na perspectiva de uma história monástica, é possível distinguirmos dois sentidos para palavra biblioteca (*bibliotheca*): “depósito de livros” e “corpus dos livros da Escritura Sagrada” (MUNDÓ, 1950)<sup>10</sup>.

Cada um dos sentidos promove um tipo de mediação: entendida como um “depósito de livros”, a biblioteca se constitui por sua materialidade e por seu espaço físico, permitindo o contato entre o monge (leitor) e o *codex* (livro). Como “corpus dos livros da Sagrada Escritura”, a biblioteca não é um local, mas um livro em si mesma.

Aqui há uma nebulosidade na tipologia de leitura recomendada por São Bento já que considerada como um espaço destinado aos livros, a biblioteca proporcionaria múltiplas leituras, ligadas às diferentes necessidades das comunidades monásticas (espirituais e escolares). Mas uma vez considerada como “corpus dos livros da Sagrada Escritura”, a biblioteca proveria única e exclusivamente a leitura da Bíblia. Por outro lado, a própria história da leitura monástica aponta para uma ampliação nas tipologias de leitura a partir das inúmeras interpretações dadas à Regra de São Bento.

---

<sup>10</sup> Não aprofundaremos as questões etimológicas e históricas da palavra *bibliotheca* já que pressupõe estudos específicos e detalhados.

**FIGURA 1 – São Bento escreve sua Regra**



Códice de Zweiflaten, 1138-47. Stuttgart Württembergische Landesbibliothek, cód. hist. fol. 415.  
(Fonte: BATSELIER, 1980)

Os dois sentidos para a palavra “*biblioteca*” são distintos mas não excludentes entre si, pois auxiliam na compressão do “o que” e o “onde” da leitura, já que a colocação do leitor em seu ambiente pode nos dar sugestões sobre a natureza de sua experiência, inclusive em relação à mediação e apropriação da informação. O “onde” constitui um tipo de pergunta que se associa a “quem”, “o que” e “quando”, de modo que os “porquês” e os “comos” da leitura são mais desafiadores (DARNTON, 1990).

Ainda no Capítulo 48, se observa que a leitura monástica segue um ritmo, uma vez que os livros devem ser lidos pela ordem e por inteiro. Há uma temporalidade na ação e na gestualidade do leitor, pois este não pode pular nenhuma página.

Entendida como um “dispositivo”, a biblioteca monástica cria uma relação entre o monge e o seu entorno. Paralelamente,

[...] sua configuração física, seus recursos, formas e práticas transformam seu discurso, sua estrutura e os modos de interação entre os sujeitos que lá atuam em *ordem*. Os *dispositivos*, enfim, não apenas expressam como também *definem*, por meio dos discursos implícitos em sua configuração, modos de relação entre os sujeitos e o universo simbólico (documentos, registros, informações, conhecimento) que guardam (PIERUCCINI, 2007, p. 5).

A ordem e vigilância sobre a leitura, presentes na Regra, ganham ênfase quando São Bento aponta que a ociosidade é inimiga da alma: uma das formas de evitá-la é justamente pela prática de leitura, de modo que esta seja supervisionada pelo monge mais velho.

É interessante notarmos que esta recomendação de São Bento se confirma no campo da “Mediação da Informação e da Leitura”, uma vez que “[...] quanto mais imaturo o leitor, mais precisará de um outro “personagem” no processo de leitura, que denominamos de mediador de leitura. [...] esse “personagem” é um colaborador na construção de um leitor (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007, p. 3). Portanto o monge mais velho é um mediador de leitura, pois colabora na construção do noviço leitor.

Mas o ancião atua, acima de tudo, como um “disciplinador” das práticas de leitura, uma vez que deve garantir a sua permanência por parte dos mais jovens.

Na relação entre o ancião e o jovem monge, há uma “interferência” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007) que não pode ser desconsiderada. Embora neste processo exista a supervisão sobre a leitura, não há garantia de que ocorra a completa apropriação da informação.

A leitura não está conectada somente com as Sagradas Escrituras, chamadas de *lectio Biblica* e com os “instrumentos das boas obras”, ela está também preconizada como um meio para meditação.

É assim que a leitura está associada à oração a partir das Sagradas Escrituras, passando a ser compreendida como *lectio divina* ou leitura espiritual. A *lectio* pressupõe uma leitura atenta da Palavra de Deus, assim como sua meditação, contemplação e diálogo.

No passado medieval, a leitura constituía um verdadeiro alimento espiritual dos monges e era uma leitura

[...] lenta e regular, feita em profundidade. Diversas passagens eram aprendidas de cor e aqueles que haviam consagrado sua vida a Deus meditavam incessantemente sobre determinadas frases. Muitas leituras eram feitas em voz alta. O hábito de articular as sílabas era tão difundido que, mesmo quando se lia unicamente para si, pronunciavam-se sons em voz baixa (HAMESSE, 1998, p. 124).

A respeito da leitura silenciosa e da leitura em voz alta, na Regra de São Bento há sinais de leituras individuais e voltadas a si mesmo, que deveriam ser inspecionadas de modo a assegurar que não se transformassem em motivo de preguiça, conforme vimos anteriormente.

É possível deduzir, implicitamente, que a leitura silenciosa entre os monges na Idade Média fosse uma prática predominante (PARKES, 1998), embora ler em voz alta tenha sido bastante comum nos contextos litúrgicos, nos momentos das refeições e nas práticas escolares.

O silêncio no momento da leitura e a falta de resposta da audiência eram necessários não só para garantir a concentração, mas também para impedir qualquer vestígio de comentário particular sobre os livros lidos (MANGUEL, 1997).

Aqui vale breves observações sobre a leitura silenciosa ou murmurada já que foi exatamente na Idade Média que se enraizou esta prática, o que acarretou a volta do leitor para si e para o cuidado do “eu”, que no Ocidente concebeu posteriormente tradições racionalistas.

### **3 MUTAÇÕES DA LEITURA NA IDADE MÉDIA: FORMAS DE MEDIAÇÃO ENTRE A VOZ E O SILÊNCIO**

No mundo antigo, tanto a memorização quanto a leitura se faziam com o uso da voz. A partir da Antiguidade tardia uma série de medidas passaram a ser tomadas para facilitar a leitura e memorização do texto, tais como o melhor emprego da ortografia e o conhecimento daquilo que se transcrevia.

É exatamente neste contexto que vemos surgir e florescer a figura de Flávio Magno Aurélio Cassiodoro (Séc. VI), romano de origem Síria, que fundou o mosteiro de Vivarium (Calábria), dedicado a Santo Martinho.

Vivarium se tornou um verdadeiro centro de estudos e antecipou a estrutura organizativa e a função cultural que as instituições monásticas assumiram de modo mais acentuado ao longo dos séculos seguintes (CRIPPA, 2004).

Como um homem da cultura, com ampla visão dos problemas de seu tempo, Cassiodoro

[...] discordava da orientação que vinha sendo seguida pela Igreja quanto à vida mental dos mosteiros, isto é, voltada exclusivamente para a leitura de temas sagrados. Conhecendo as limitações das letras latinas, ele pregava, outrossim, a necessidade de incluir as letras e as ciências gregas na Cultura Monástica – o que daria ao clero melhor apresto para inteligência das Escrituras (OLIVEIRA, 1987, p. 29).

A orientação cultural de Cassiodoro fez de seu mosteiro mais um centro de cultura literária do que uma comunidade de ascetas devotados à oração e à penitência, diferente dos mosteiros beneditinos do Séc. VI, onde a cultura gramatical e retórica praticamente não estavam presentes (CRIPPA, 2004).

Ao criar uma verdadeira escola monástica, Cassiodoro definiu de modo completo a arte de escrever<sup>11</sup> e mostrou que no momento em que o monge se entrega à significação do texto fica ultrapassada a dimensão técnica e manual do texto, próprio da transcrição (CAVALLO, 2003); assim, a significação do texto vai remeter ao mundo interior e não só à técnica de copiar.

Cassiodoro recomendava com ênfase a ortografia correta e a revisão cuidadosa tanto das palavras que vão juntas quanto das que vão separadas por vírgula, de modo a assegurar que os textos ficassem estruturalmente mais legíveis.

Isso que na Antiguidade tardia e Alta Idade Média determinou “[...] a última e a mais radical das mudanças nos modos de produção e na apresentação da página escrita é a substituição da leitura em voz alta pela silenciosa ou murmurada” (CAVALLO, 2003, p. 97-98).

Esta transformação ocorreu por uma série de fatores: os livros eram lidos para se conhecer Deus e para edificação do espírito, de modo que deveriam ser compreendidos, repensados e até memorizados; a tipologia do livro da época, o *códex*, permitia uma leitura atenta e meditada, e a própria vida comunitária dos meios religiosos determinava uma leitura em voz baixa.

Segundo Paul Saenger (1990), as origens da leitura silenciosa estariam no abandono da escrita contínua, nas separações das palavras e na utilização de ponto, vírgula e letras maiúsculas, de modo que com a adoção de recursos gráficos a voz não seria mais necessária para dar sentido à escrita.

Por outro lado, as razões dessa mudança tornam-se mais complexas, quando, por exemplo, consideramos práticas monásticas de escrita e leitura.

Na visão de São Jerônimo e Cassiodoro, quando copiava livros, o *antiquarius*<sup>12</sup> escrevia e lia simultaneamente o texto que recopiava, pois deveria fazer o trabalho de transcrição individualmente em sua cela.

Mas a ‘cidade monástica’ concebida por São Bento previa uma comunidade autônoma onde se devia exercer as diferentes artes, e havia ali ateliês de trabalho

---

<sup>11</sup> Em *De orthographia* (Sobre a ortografia), Cassiodoro tratou dos modos de escrever e de pontuar, dentre outros aspectos formadores da escrita.

<sup>12</sup> *Antiquarius*: copista culto e experiente.

comunitário entre aqueles o *scriptorium*. Não sendo mais feita no isolamento de uma cela, a leitura em alta voz durante a transcrição do texto devia necessariamente ser no silêncio ou na forte diminuição da voz. Se portanto, no mundo antigo - onde a leitura silenciosa era muito rara -, a leitura em alta voz tinha conduzido ao deslocamento e à multiplicação dos espaços de leitura nas bibliotecas públicas e privadas [...], esse mesmo fenômeno se traduzia no meio comunitário dos mosteiros, porque acabava acontecendo um zumbido de abelhas (CAVALLO, 2003, p. 98).

A tese de Cavallo (2003) aponta que o que fez desaparecer a leitura em voz alta foi uma mudança cultural ligada à taciturnidade dos homens<sup>13</sup> e que o aparecimento de sinais gráficos surgiu para facilitar a leitura, seja ela teórica, filosófica ou teológica.

Esta antropologia da taciturnidade está presente na Regra de São Bento e “[...] seu exemplo está sob a forma de simples regras práticas ‘Se alguém quer ler que leia de forma a não incomodar os outros [...]’<sup>14</sup>. O círculo se fecha sobre o *scriptorium* medieval, comunitário onde se lê atentamente e sem fazer barulho” (CAVALLO, 2003, p. 99).

Nesta perspectiva, não foi a separação das palavras ou entre os grupos de palavras que tornou inútil a utilização da voz para fazer brotar o sentido do texto. Foi a escritura-leitura silenciosa ou murmurada que impôs as modalidades gráficas e dispositivos textuais aptos para dar esse sentido do texto que não é mais no ato da leitura pelas articulações vocais (CAVALLO, 2003).

Evidentemente, há uma distinção entre as formas de apropriação da informação a partir da leitura oralizada, que pressupõem a presença de ao menos um leitor e um ouvinte, e a leitura silenciosa, constituída por uma autonomia de sentido. No entanto, as duas modalidades de leitura se complementam, uma vez que há uma coexistência entre elas no Medievo.

Como uma forma de gestualidade, as mudanças nos modos de ler - da voz alta à voz baixa e à extinção da voz - trouxeram reflexos sobre o corpo do leitor, pois foi uma espécie de desencarnação da leitura que se operou, uma certa redução do corpo, uma ocultação do ato da leitura, do gesto, ainda que a performance da leitura nunca tenha deixado de existir:

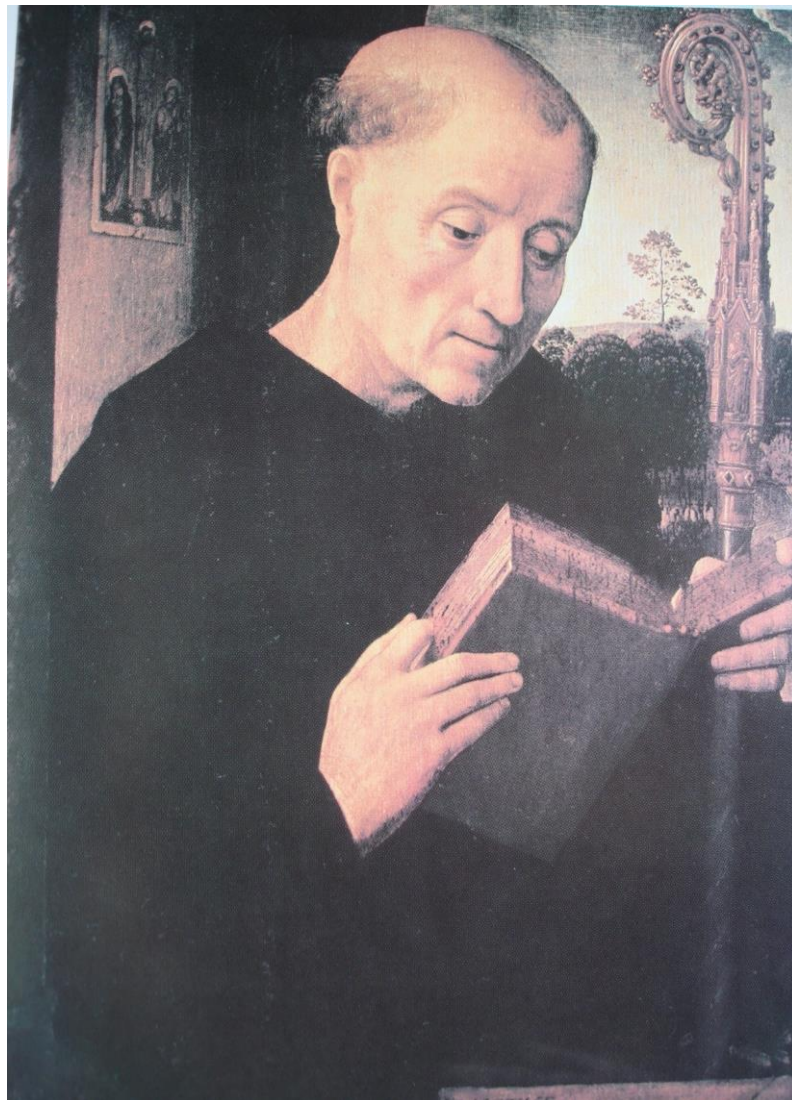
[...] imóvel, silenciosa, solitária, [a leitura] já não tem existência carnal, é imediatamente espiritual. [...] Trata-se de uma leitura pura, imaterial, funcional. Tal é o modelo cristão da leitura, sem fruição [...] do livro ao espírito, pela transparência do olhar, uma leitura limpa, sem contacto. Esta neutralização da leitura – a eliminação da voz e do corpo, o curto-circuito do significante -, S. Benedito [São Bento] apresentava-a como um simples artifício, uma imposição da vida em comum; não encarava diferença funcional entre a leitura silenciosa e a leitura indiscreta. Mas não foi preciso muito tempo para que o apagamento do corpo na leitura fosse racionalizado (BARTHES; COMPAGNON, 1987, p. 194).

---

<sup>13</sup> Ou uma “antropologie de la *taciturnitas*”, nas palavras de Cavallo (2003, p. 98).

<sup>14</sup> Lembremos que esta passagem está presente no Capítulo 48 da Regra. Cf. SÃO BENTO (1980, p. 103).

**FIGURA 2 – O Santo e o Homem**



Pintura de São Bento de Hans Memling (1487), no tríptico de Portinari, da Galleria degli Uffizi, Florença.  
(Fonte: BATSELIER, 1980)

A experiência da taciturnidade, legitimada pelos elementos normativos da Regra de São Bento, afetou sobremaneira a gestualidade das comunidades beneditinas e os mecanismos de mediação da informação (notadamente a produção de livros e de catálogos), uma vez que a voz dá lugar ao silêncio.

#### **4 LEITURAS MONÁSTICAS, LEITURAS MEDIEVAIS**

Para os monges medievais, a *lectio* parecia ter uma função semelhante às vigílias, aos jejuns e às preces, pois seria concebida como uma disciplina corporal: leitura e fruição estariam em uma relação de exclusão mútua (BARTHES; COMPAGNON, 1987).

A partir dessa experiência cultural, podemos considerar que a leitura monástica e os elementos que envolviam seu processo estavam ligados à maneira como os leitores penetravam na cultura escrita, seja pela busca, interpretação, reprodução ou preservação das Sagradas Escrituras, Escritos dos Padres da Igreja ou Autores Clássicos.

Esta chave é fundamental à compreensão dos processos de circulação e apropriação da informação no ambiente monástico-medieval, uma vez que estes perpassam pelo objetivo central da *lectio*: o contato e diálogo com Deus.

Se de um lado temos as características/modalidades de leitura e os gestos do leitor, de outro temos o próprio objeto da leitura. Qual é então o núcleo dessa prática no contexto monástico-medieval?

Com base na multiplicidade de textos que passaram a compor as bibliotecas monásticas e levando em conta a sua relação com os objetivos institucionais e as atividades por elas pressupostas, distinguem-se vários núcleos de leitura:

- a) *leitura oficial*, correspondente à *lectio divina*, constituída sobre os textos que se dirigem especificamente à celebração do ofício divino e à formação espiritual, como são os textos bíblicos, os comentários patrísticos, as obras dos mestres de espiritualidade;
- b) *leitura escolar ou instrumental*, que atende ao estudo como objecto e ocupa um lugar alternativo ao trabalho, a tal ponto que nas *Excerptiones Patrum* (obra durante algum tempo atribuída a Beda), aparece considerada como alternativa ao trabalho corporal e mais difícil do que ele;
- c) *leitura recreativa*, deixada à iniciativa individual, facultativa e própria para os tempos de ócio, sobre a qual, na consignação da *Regula Isidori* (cap. 5), tem prevalecimento a necessidade do trabalho;
- d) *leitura transgressiva*, que, sendo ou não furtiva, é minimamente caucionada, pois só a condescendência relativamente a ela permite explicar a existência de textos que reputaríamos, de alguma maneira, marginais, por não corresponderem à finalidade específica da instituição monástica ou por estarem mesmo em oposição aos seus objectivos, e que, por não serem clandestinos, teremos de considerar como ‘reservados’ quanto ao uso (NASCIMENTO, 1995, p. 216).

Por mais estranho que pareça, este último tipo de leitura não era inteiramente excluído já que os monges, eventualmente, buscavam para sua formação textos fora dos mosteiros, como em instituições universitárias.

Segundo José Mattoso (1982), os autores que constituíram os núcleos de leitura foram justamente aqueles mais lidos pelos monges na Alta Idade Média e que expuseram com mais ardor a palavra de Deus: São Gregório Magno, Santo Agostinho, São Jerônimo e Orígenes.

Embora fundamentais para construção desse itinerário sobre os leitores medievais, as observações específicas sobre a Regra de São Bento, os gestos e momentos da leitura, assim como os tipos de leitura monástica não são suficientes para entendermos o universo da leitura

e mediação entre monges e religiosos, tornando-se necessário refletirmos brevemente sobre as bases da cultura monástica<sup>15</sup>.

De acordo com Dom Jean Leclercq (1996), a cultura monástica medieval no Ocidente teve origem e se desenvolveu com base tanto na Regra de São Bento quanto no Livro II dos *Diálogos* do Papa beneditino São Gregório Magno (Séc. VI-VII), no qual narra a vida de São Bento, incluindo uma série de milagres. A Regra e o Livro II constituíram portanto dois textos formadores da “tradição beneditina”.

Em relação à leitura, devido à sua mentalidade monástica e temperamento contemplativo, São Gregório Magno deu especial importância a essa prática tanto em suas cartas quanto em suas homilias. Para este papa, como para a antiguidade cristã, o livro por excelência é a Bíblia e quando fala de *lectio divina*, refere-se à leitura da palavra de Deus, em público ou em particular. Assim, a Sagrada Escritura é fonte de toda a doutrina cristã e, ainda, da vivência de Deus (MATTOSO, 1982).

Vemos em São Bento e em São Gregório elementos essenciais da cultura monástica e fatores decisivos que a guiaram, já que tanto a Regra quanto os Diálogos II contêm o germe de dois componentes essenciais da cultura monástica: gramática e espiritualidade.

São Gregório influenciou diversos autores, dos quais se destaca Santo Isidoro de Sevilha (Séc. VI-VII), personagem chave para a história da leitura na Idade Média.

Para Isidoro “Aqueles que desejam estar com Deus a todo instante, devem ler e orar frequentemente; pois quando oramos, falamos com Deus e, quando lemos, é o próprio Deus que fala conosco” (ISIDORUS..., 1862, p. 679).

É interessante observarmos em Isidoro sua visão sobre a gestualidade do leitor, dando preferência à leitura silenciosa e mostrando que a *lectio tacita* leva imediatamente ao sentido do texto: “Aos sentidos é mais agradável uma leitura silenciosa; o intelecto está mais receptivo quando a voz do leitor se cala e a língua se move em silêncio. Caso contrário, ao ler em voz alta, o corpo fica cansado e a voz enfraquece” (ISIDORUS..., 1862, p. 689).

Pelos seus escritos, não há dúvidas que Isidoro quis integrar-se à tradição de leitura, considerando-a, ainda, elemento fundamental da vida monástica, orientada para contemplação.

Entretanto, o estatuto atribuído ao ato de ler e de escrever tal como o estatuto do escriba iria daí em diante mudar e os Carolíngios perseguiram a via emprestada pela Antiguidade tardia e Cassiodoro.

---

<sup>15</sup> Expressão difundida largamente pelo erudito beneditino Jean Leclercq.

Ao aproximarmos-nos do Renascimento Carolíngio (Sécs. VIII-IX), vemos as portas para leitura se abrirem, pois os carolíngios dedicaram-se amplamente ao estudo das letras e preocuparam-se com a correção da leitura pública e da redação (MATTOSO, 1982).

Há muitos exemplos para ilustrar os efeitos da renovação Carolíngia sobre a cultura monástica, como em Santo Alcuíno de York (730-804)<sup>16</sup>. Na sua concepção, a leitura tinha um aspecto contemplativo, o que nos faz lembrar os escritos de Isidoro:

A leitura das Sagradas Escrituras é uma experiência (*cognitio*) da beatitude. [...] A leitura assídua purifica a alma [...] faz penetrar no coração do leitor as alegrias espirituais. [...] Quem deseja estar sempre com Deus, deve orar e ler frequentemente. Pois quando oramos falamos com Deus, mas quando lemos é Deus que fala conosco. [...] A leitura das Sagradas Escrituras confere duas graças: ensinar a inteligência da mente e levar ao amor de Deus o homem libertado das vaidades humanas. [...] Toda a Sagrada Escritura foi escrita para a nossa salvação, para progredirmos no conhecimento da verdade. (BEAUTUS..., 1863, p. 616-617).

Do mesmo modo que Alcuíno, Rabano Mauro e Hugo de São Vitor dão à leitura importância significativa ao ponto de redigirem, respectivamente, verdadeiros métodos de leitura: o Livro III de *De Institutione clericorum* (Séc. IX) e *Didascálicon* (Séc. XII).

A importância desses autores é tamanha já que estão entre aqueles que celebram o que podemos chamar de idade heróica, período heróico. É assim que se encontra o novo estatuto da arte de ler/leitor e de escrever/escriva (CAVALLO, 2003).

Séculos mais tarde, o modelo monástico de escrita e de leitura é sucedido pelo modelo escolástico de escrita e de leitura, fazendo com que o livro, objeto de conservação e memória, passasse a ser também instrumento do trabalho intelectual.

---

<sup>16</sup> O abade do Mosteiro de York foi poeta, professor e sacerdote católico.

**FIGURA 3** – Rabano Mauro e Alcuíno de York



Retrato de dois gigantes da Idade Média: Rabano Mauro e Alcuíno de York.  
Manuscrito do Século IX, proveniente da Abadia de Fulda.  
(Fonte: OLIVEIRA, 1987)

Na perspectiva da história da leitura na Idade Média é significativo que esses testemunhos se dão provavelmente no mesmo período em que se destaca a prática de redigir listas ou guias de leituras e em que as bibliotecas monásticas se compõem de maneira mais sistematizada<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> De acordo com Guarda (1986), se conserva uma espécie de “calendário bibliográfico” (como define P. Lehmann) proveniente da Abadia beneditina de St. Gall. O “calendário” (Séc. IX) menciona as vidas dos Santos voltadas à leitura e que deveriam ser comemoradas no mosteiro a cada dia do ano.

## 5 CONSIDERAÇÕES

A leitura monástica, no contexto da Regra de São Bento, apresenta questões inerentes aos estudos de mediação e de apropriação da informação já que este documento histórico menciona a leitura e as suas formas de mediação em inúmeros capítulos.

Ao retirar o livro da “*bibliotheca*”, o monge leitor se depara com um espaço físico que também é um espaço simbólico, expressado pelo próprio “corpus dos livros das Sagradas Escrituras”.

Portanto, a Regra estabelece importância fundamental da leitura normatizada na vida monástica e propõe a condução de rituais diários, seguindo a instrução de que o tempo dedicado à leitura é modificado de acordo com o tipo de oração e atividade a que o monge se ocupa.

A História da Leitura, como área do conhecimento interdisciplinar, mostra que a Idade Média foi um momento transformador às práticas de leitura, uma vez que ocorre a mutação (e coexistência) entre a leitura oralizada e silenciosa – cuja origem estaria na taciturnidade dos homens.

Dentro do processo histórico da leitura e de sua relação com o livro, observamos que durante o período do ensino monástico, do Século VI até o princípio da escolástica, no Século XII, o livro predominante é a Bíblia, de modo a ser símbolo de leitura intensiva e instrumento de uma mediação que é tanto informacional quanto espiritual.

Lugar de oração, o mosteiro não é menos lugar de leitura, pois esta seria um suporte daquela. Como prova disso, há uma série de outras regras monásticas, além da beneditina, que conferem atenção à prática de leitura.

No contexto monástico-medieval também se vê o lento deslocamento da leitura intensiva para a leitura extensiva, cuja ascensão só ocorre na formação da Europa Moderna.

Neste percurso de monges leitores devemos observar que os autores medievais aqui lembrados são fundamentais para formação de uma cultura restrita, controlada e dinamizada pelos seus meios de produção, de uso e de difusão.

Sob o prisma do Cristianismo, como universo da palavra escrita e mediada, a leitura e o uso de livros constituem não só os fundamentos do poder clerical, mas também as raízes da experiência gramatical e espiritual de monges em busca das leituras e dos gestos ideais tanto para manutenção das redes materiais quanto para salvação de suas almas.

O espaço monástico e o tempo longo do Medievo reforçam um aspecto característico da informação neste contexto: ela é não é neutra, mas sim afetada pelo tempo e espaço no qual é produzida e apropriada.

Este fundamento/natureza se justifica pela própria linguagem que traduz a informação, seja a linguagem centrada na leitura oralizada ou silenciosa, ou na linguagem que se expressa por meio dos produtos documentários, como é o caso dos catálogos medievais, presentes nas bibliotecas monásticas.

Portanto, a pesquisa confirma que a mediação da informação é “[...] um processo histórico-social. O momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário: resulta da relação dos sujeitos com o mundo” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93)

A análise histórica aqui proposta, balizada tanto na Regra de São Bento quanto em estudos de história da leitura, aponta que a leitura e a mediação da informação vão ao encontro da espiritualidade monástica e nutrem o cultivo das letras, ainda que a gramática e retórica não estejam amplamente presentes nas primeiras comunidades beneditinas.

A leitura monástica, uma vez compreendida como apropriação, performance e gestualidade, está inserida em um sistema mais amplo de mediação da informação e da cultura beneditina, caracterizado pela disciplina, ritmo e normatização.

A pesquisa aponta que a abordagem histórico-cultural da leitura e da mediação proporciona uma visão contextual e temporal dos meios de circulação e de apropriação da informação, o que confirma a ideia de que a mediação da informação é um processo histórico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

\_\_\_\_\_; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura. IN: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007, Londrina, PR. **Anais...** Londrina: UEL, 2007. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/13269/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Mediação como conceito potencializador do diálogo entre a Ciência da Informação e os campos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19256.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BARTHES, Roland; COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. p. 184-206. v.11: Oral/Escreto-Argumentação.

BATSELIER, Dom P., O.S.B (Dir.). **San Benito: Padre de Occidente**. Barcelona: Editorial Blume, 1980.

BEAUTUS FLACCUS ALBINUS SEU ALCUINUS. Liber de virtutibus et vitiis. In: \_\_\_\_\_. **B. Flacci Albini seu Alcuini, Abbatis et Caroli Magni Imperatoris Magistri opera omnia,...** [Parisiis]: Excudebatur et Venit Apud J. P. Migne Editorem, 1863. 1319 p. (Patrologiae cursus completus - Series Latina, tomus 101).

CAVALLO, Guglielmo. Lire, écrire et mémoriser les Saintes Écritures. In: JACOB, Christian (Dir.). **Des Alexandries II: les métamorphoses du lecteur**. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2003. p. 87-101.

CRIPPA, Giulia. Um bibliotecário em sua biblioteca: Cassiodoro e os leitores ideais na Idade Média. **Memorandum: memória e história em psicologia**, Belo Horizonte, n. 7, out. 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/crippa01.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2006.

DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 146-172.

GUARDA, Donatella Nebbiai-Dalla. Les listes médiévales de lectures monastiques: contributions à la connaissance des anciennes bibliothèques bénédictines. **Revue Bénédictine**, Belgique, année 102, t. 96, p. 271-326, 1986.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo escolástico da leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental I**. São Paulo: Ática, 1998. cap. 4, p. 123-146.

ISIDORUS HISPALENSIS. Sententiarum Lib. III. In: \_\_\_\_\_. **Sancti Isidori, Hispalensis Episcopi, opera omnia,...** recensente Faustino Arevalo. [Parisiis]: Excudebatur et Venit Apud J. P. Migne Editorem, 1862. 1379 p. (Patrologiae cursus completus - Series Latina, tomus 83).

LECLERCQ, Jean (O.S.B.). **The love of learning and the desire for God: a study of monastic culture**. New York: Fordham University Press, [1996]. 282 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 1997. 405 p.

MATTOSO, José. **Religião e cultura na Idade Média portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982. 754 p.

MUNDÓ, Anscari. “Bibliotheca”: Bible et lecture du Carême d’après Saint Benoît. **Revue Bénédictine**, Belgique, année 65, t. 60, p. 65-92, 1950.

NASCIMENTO, Aires A. Monges, livros e leituras: modos de espiritualidade e preservação de textos. In: OS BENEDITINOS NA EUROPA: CONGRESSO INTERNACIONAL, 1., 1995, Santo Tirso. **Actas...** Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1995.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A fascinante história do livro: Idade Média.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1987. v.3.

PARKES, Malcolm. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo.; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental I.** São Paulo: Ática, 1998. cap. 3, p. 103-122.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <[www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf](http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2013.

SAENGER, Paul. The separation of words and the order of words: the genesis of medieval reading. **Scrittura e Civiltà**, 14, p. 49-74. 1990.

SÃO BENTO. **A Regra de São Bento.** Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout (O.S.B). 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Lumen Christ, 1980. 120 p. Edição Bilíngüe Latim-Português.